

Frustrações e esperanças

Paulo Sérgio Pinheiro

Mesmo que a declaração e o programa não reflitam os desafios postos em Durban, muito terá sido plantado

Durban, uma mistura de Miami e Guarujá, com prédios art déco, beges e azul-claros, com nomes de Pasadena Court e Tropicana, sediou a Conferência Mundial contra o Racismo, que se encerra hoje. Quem ouviu apenas os comunicados de Washington

ficou com a impressão de que as 150 delegações oficiais e as 4000 ONGs passaram a semana voltadas apenas para a trágica ocupação e colonização dos territórios palestinos. A diplomacia republicana parece não saber distinguir entre tomadas de posição de organizações da sociedade civil (cujo documento final denunciou Israel) e os documentos oficiais dos Estados, que ainda estão sendo negociados. Num golpe teatral, os Estados Unidos, imitados por Israel, abandonaram a conferência. Como os EUA são uma potência, decidem o que lhes dá na telha, não consultam seus aliados e não dão satisfação a ninguém.

Os governos africanos (com exceção da África do Sul) preferiram pouco dizer sobre o presente: parecia que o único tema era o passado remoto. Da escravidão do presente, como a que sobrevive no Sudão e Mauritânia, dos racismos, da perseguição a minorias culturais ou religiosas, ou da xenofobia que a Europa dedica aos migrantes africanos, quase nada. Os países asiáticos também praticaram um obsequioso silêncio sobre suas sistemáticas violações dos direitos: Nada sobre a negação dos direitos das mulheres no Afeganistão, sobre os curdos ou sobre a condição do terrorismo. Os países latino-americanos pareciam estar partici-

do de uma conferência sobre direitos autorais na Islândia. Quase nada lhes dizia respeito. A exceção foi o Brasil, que se antecipou organizando seminários regionais e uma conferência nacional. E levou à conferência a delegação mais numerosa. Havia mais de 500 brasileiros. Edna Rolland ocupou o cargo de relator-geral e diplomatas têm papel importante em negociações delicadas, como aquelas sobre as reparações pelas seqüelas do escravismo e do colonialismo no documento final. A delegação oficial apresentou um quadro transparente do racismo no país.

A realidade foi levada para dentro da conferência pela programação paralela. Durante toda a semana, o fórum Vozes transmitiu pela TV para toda a África depoimentos sóbrios, comoventes e trágicos de violações racistas em todo o mundo. Uma mulher *dalit* (pária) descrevia como seu marido, prefeito de uma aldeia, foi assassinado e decapitado por membros de castas altas. Uma índia mapuche relatava maus-tratos pela polícia chilena. Mesas redondas sobre o racismo e desenvolvimento, prevenção do conflito se seguiam.

Apesar da riqueza dessa programação oficial paralela, da enorme vitalidade do Fórum das ONGs, pairava no ar o temor de a conferência terminar como uma grande frustração. Mesmo que a declaração e o programa de ação não reflitam totalmente os desafios postos na conferência, muito terá sido plantado. Durban será lembrada pelo seguimento dado às suas recomendações. Se não, a cólera e o ressentimento assumirão o lugar da esperança.

Paulo Sérgio Pinheiro, professor de Ciência Política e coordenador do Núcleo de Estudos da USP, representou em Durban a Comissão de Promoção e Proteção de Direitos Humanos das Nações Unidas